



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DE FÁTIMA ALVES SANTANA

INDISCIPLINA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL JOÃO ÚRSULO

João Pessoa

2014

MARIA DE FÁTIMA ALVES SANTANA

**INDISCIPLINA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL JOÃO ÚRSULO**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Ms. Géssika Carvalho

João Pessoa

2014

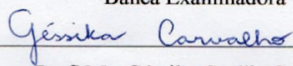
MARIA DE FÁTIMA ALVES SANTANA

**INDISCIPLINA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO, ESCOLA E FAMÍLIA**

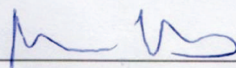
Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 18 / 10 / 2014

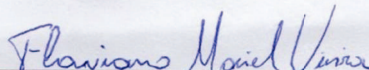
Banca Examinadora



Prof^a Ms. Gésika Cecília Carvalho



Prof. Ms. Edson Peixoto Vasconcellos Neto



Prof. Ms. Flaviano Maciel Vieira

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S232i Santana, Maria de Fátima Alves

Indisciplina escolar: reflexões sobre a relação professor-aluno na escola estadual de ensino fundamental João Úrsulo [manuscrito] / Maria de Fátima Alves Santana. - 2014.
36 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Géssika Cecília Carvalho, Departamento de Ciências Humanas".

1. Educação. 2. Indisciplina escolar. 3. Aluno. I. Título.
21. ed. CDD 370.1

Dedico este trabalho, com muito amor e gratidão, aos meus pais e ao meu filho, por ter me dado estímulo, incentivo, força, coragem e apoio durante esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, aos meus pais zelosos, amáveis e misericordiosos, responsáveis pelo sucesso desse passo concretizado em minha vida.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a Indisciplina Escolar e os fatores que interferem no processo educacional, na Escola Estadual João Úrsulo, enfatizando a relação afetiva entre família, professores e alunos, ressaltando a sua relevância para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, buscamos observar o trabalho realizado na Escola em questão. Analisar relação professores-aluno a respeito do desenvolvimento da sua prática para a realização de um trabalho significativo que estimule o aluno a participar das atividades desenvolvidas em sala de aula. Buscamos também informações a respeito do tema em estudo através de pesquisa realizada em fontes oficiais e autores que trataram do assunto. Os resultados obtidos na Escola Campo refletem numa proposta democrática e participativa que resgata os valores humanos acreditando na superação dos alunos em uma relação coletiva: Gestor, Professor e Comunidade Escolar.

Palavras-chave: Professor. Aluno. Indisciplina.

ABSTRACT

This study aims to analyze the School Indiscipline and factors that interfere with the educational process, in the state school John Úrsulo emphasizing the affectionate relationship between family, teachers and students, and too their relevance to the process of teaching and learning. In this sense we try observing the work done in the results obtained in the school field reflect a democratic proposal and participant redeems human values, believing in overcoming student's collective relationship management, teachers and school community, performing meaningful work that encourages students to participate in activities in the classroom. Also seek information about the topic in question through research conducted on official sources and authors who have treated the subject in order to find possible strategies for the teacher to plan meaningful lessons and attractive, providing interaction and fighting unruly behavior.

Keywords: Teacher. Student. Indiscipline.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 INDISCIPLINA ESCOLAR.....	12
2.1 Características da Indisciplina Escolar.....	15
3 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	18
3.1 A formação do professor.....	19
4 O PAPEL DA FAMÍLIA NO COMPORTAMENTO DO ALUNO.....	21
5 CIDADANIA.....	24
5.1 A cidadania no ambiente escolar.....	25
5.2 A interação como forma de desenvolver a cidadania.....	26
6 O TRABALHO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NA ESCOLA ESTADUAL JOÃO ÚRSULO, NO COMBATE À INDISCIPLINA.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE – Questionário aplicado aos professores.....	37

1 INTRODUÇÃO

Estudos mostram que desde o início da escolaridade o problema aprendizagem em sala de aula foi um dos motivos para a necessidade de melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem nas escolas do país. Tendo em vista incentivar e criar meios para chamar a atenção do aluno no tocante à aprendizagem, essas dificuldades expressam com clareza os problemas em que se concentra a maioria dos alunos, ocasionados por comportamentos indisciplinados e fatores que interferem nesse processo.

A escola deve ser um espaço de formação e não apenas de ficar por alguns instantes sem objetivos claros e definidos. O trabalho do professor deve estar pautado para a integração do aluno com a finalidade maior da escola, que é de formar e, sobretudo, informar.

Esses pressupostos só serão alcançados quando o aluno se sentir parte do contexto no qual ele está inserido. Quando a aula não é significativa, a indisciplina tende a ser uma constante no ambiente educacional, interferindo no desenvolvimento de aprendizagem do aluno. Segundo Parrat-Dayana (2008), a disciplina é importante no ambiente escolar, não para haver um controle sobre os estudantes, mas como um elemento para facilitar as relações interpessoais e o processo da aprendizagem.

Conquistar a confiança dos alunos e motivá-los a encarar os desafios e dificuldades que surgem durante o processo educacional, como integrantes de um processo articulador e motivador, deve ser o objetivo que a escola precisa ter como fundamental para que os alunos participem integralmente da construção do conhecimento.

Esses fatores que comprometem o desenvolvimento da aprendizagem, motivados por comportamentos indisciplinados, chegam à escola fazendo com que ela deixe de exercer a sua real função de suporte pedagógico, e passe a exercer a função que normalmente é atribuída à família, ou seja, a de orientadora. A escola deve ter necessidades próprias para atender à diversidade de alunos inseridos em seu espaço cultural, sem esquecer a sua pluralidade e diversidade como fonte de conhecimento em diversas áreas.

Diante dessa situação, buscamos com este estudo analisar as possíveis dificuldades que são enfrentadas pelos professores no processo de formação do aluno, quando alguns deles apresentam comportamentos que comprometem a sua prática pedagógica. Realizamos, para isso, uma pesquisa de campo através de observação do trabalho realizado pelos professores da Escola Estadual João Úrsulo, no Município de Santa Rita – PB, bem como aplicamos questionários com professores do 6º ano da referida escola.

Com a perspectiva de encontrar possíveis respostas, questionamos: Quais os principais motivos que provocam o comportamento indisciplinado? Como as aulas devem ser planejadas para que o aluno desperte o interesse pelo conteúdo abordado?

Para responder tais questionamentos, podemos ter como hipótese que muitos fatores interferem diretamente nesse processo, tais como: a falta de apoio da família, aulas desmotivadoras, professores despreparados e com sobrecarga de trabalho, deixando as aulas virarem rotina e com isso os estudantes perdem o estímulo.

Diante de tais questionamentos entendemos que a relevância social desse estudo está em poder mostrar que um trabalho articulado entre família e escola, compartilhando ideias e utilizando materiais e conteúdos diversificados, é possível despertar o interesse e o gosto pela escola e a formação de cidadãos ativos e participativos.

A pesquisa tem como objetivo analisar certos fatores que levam o aluno a produzir comportamentos indisciplinados em sala de aula. Com base na análise desses dados, tem como objetivos específicos: observar como o professor desenvolve sua prática pedagógica para motivar o aluno na busca do conhecimento; mostrar a relevância de um trabalho participativo entre professores e comunidade na busca de formação de cidadãos críticos e conscientes.

É importante ressaltar que o trabalho do professor, quando articulado com a comunidade local e a família, tende a ser satisfatório e produtivo, atingindo os objetivos planejados para cada momento de aprendizagem.

A metodologia desta pesquisa se deu através de um processo de construção do conhecimento a partir de uma pesquisa participante, que buscou envolver o pesquisador com o objeto pesquisado no estudo do problema. Para Demo (2000, p.21), a pesquisa participante “é ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”.

Assim, é fundamental que os educadores desenvolvam um trabalho compartilhado com a comunidade escolar e local para alcançar as finalidades e os princípios da educação que devem estar voltados para perspectiva da formação e preparação do aluno para a vida. A escola deve voltar sua prática para uma aprendizagem significativa e, neste sentido, a disciplina precisa estar sempre orientada para o sentido do respeito e do cumprimento de regras.

2 INSDISCIPLINA ESCOLAR

De acordo com o dicionário Aurélio, indisciplina significa ato contrário à disciplina; desobediência, desordem, rebelião. Dessa forma, podemos dizer que a indisciplina está associada ao comportamento. Então, há indisciplina na sala de aula quando um aluno ou um professor apresenta um comportamento que não se enquadre nas normas estabelecidas pela escola ou pela sociedade.

Para Garcia (1999) a indisciplina seria o modo de agir dos alunos em diversas atividades pedagógicas, na escola ou fora dela. Caracteriza-se por relações interpessoais, "conflitos" existentes dentro do complexo escolar.

O conceito de indisciplina não é estático nem tão pouco universal, se define pelos aspectos culturais, em que prevalecem os valores morais e a forma como a mesma é vista por cada professor na sala de aula, como afirma Parrat-Dayan (2008, p.19).

[...] a palavra disciplina pode ter significados diferentes, e se, para um professor, indisciplina é não ter o caderno organizado; para o outro, uma turma será caracterizada como indisciplinada se não fizer silêncio absoluto e, já para um terceiro, a indisciplina até poderá ser vista de maneira positiva, considerada sinal de criatividade e de construção de conhecimento.

Dessa forma, a indisciplina é uma quebra no contrato social da aprendizagem, quando as crianças são matriculadas na escola há uma transferência de responsabilidade pela educação formal. O professor precisa que o aluno faça a parte dele para que haja aprendizagem, mas quando o aluno interrompe esse processo e as relações de orientação pedagógica, acontece a indisciplina.

Esse processo presente na maioria das escolas acontece muitas vezes devido à realidade, que é sempre a mesma: falta de estrutura física, falta de recursos, professores insatisfeitos, sem motivação, e a Educação cada vez mais se distanciando dos ideais de qualidade e de mudança, que deveriam ser o objetivo maior.

A indisciplina que ronda a escola não é gerada apenas no ambiente educacional. São muitos os espaços que produzem esses males e os mesmos ultrapassam os muros da escola, que ainda não está preparada para lidar com tantas mudanças. Esses conflitos chegam à escola como obstáculo para o crescimento, mas não conseguem chegar à sala de aula como forma de debate ou de diálogo, tornando-se uma angústia para os profissionais, que em sua grande maioria não estão preparados para enfrentar esses dilemas, o que muitas vezes torna suas vidas profissionais um fardo.

Se na escola não há preparação para lidar com a indisciplina, a família, que muitas vezes é a responsável não sabe como impor limites para apaziguar as situações. Quando há um problema gerado por uma situação conflituosa, quem poderia ser a "chave" para solucionar tal questão, reage com violência e provoca mais conflitos e mais indisciplina.

Essas situações são vivenciadas constantemente por muitos profissionais que estão envolvidos no processo educacional, especialmente nas escolas públicas, nas quais a falta de serviços de apoio especializado é ainda mais precária.

É um problema de grande proporção que ainda precisa de muito trabalho para que, desde criança, a pessoa (o indivíduo/o educando) aprenda a ter limites, a seguir regras, a cumprir os compromissos, respeitar os espaços e aprenda a conviver (em sociedade). Todos esses aspectos serão aprendidos se forem trabalhados a partir do diálogo, da socialização e da convivência. Nesse sentido, La Taille (1996, p. 9) analisa que:

Crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

A criança precisa seguir as regras, respeitar as normas e aprender a conviver com o outro, a partilhar. Esses ensinamentos devem começar no seio familiar e ter continuidade no espaço escolar. Quando o professor perde o controle da turma, quando não demonstra ter autoridade com o que faz, a criança se apropria dessa fragilidade para infringir todas as regras que ela sabe que existe.

Para que esse trabalho tenha efeito é necessário que exista uma parceria entre família, escola e instituições públicas, que têm suas atividades com objetivos de combater esses males. O Conselho Tutelar é uma dessas instituições, que como o nome sugere, pode e deveria realizar seu trabalho, traçando metas para combater a indisciplina, através de um trabalho de socialização, de conscientização e levando a família a participar da vida educacional do aluno.

Esse deveria ser o objetivo principal desse órgão público que tem seus representantes, conselheiros, eleitos pela sociedade através de eleições diretas. Os cidadãos os elegem para serem representados, mas na maioria das cidades esse trabalho não acontece, em muitos casos, esses representantes não recebem o apoio necessário de outras instituições para desempenharem sua função com a devida eficácia.

De acordo com Maser e Moraes (2006, p. 74), o Conselho Tutelar tem o seguinte objetivo:

O Conselho Tutelar tem o papel de cobrar dos devedores que assumam as suas responsabilidades, agindo ele perante a família através da aplicação de medidas e dos encaminhamentos e tencionando as estruturas sociais, as políticas públicas para a promoção e a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, através da criação, do esforço e da melhoria dos serviços e programas de atendimento, podendo, para tanto, utilizar-se de ações do Ministério público e das representações judiciais.

Com todas as dificuldades, inerentes ao processo educacional, o professor que lida diretamente com a indisciplina passa a ser o grande “vilão” no combate a esses conflitos.

Quando vivencia uma situação conflituosa e busca apoio para solucionar, não encontra esse apoio, muitas vezes, dentro do espaço de trabalho. Há casos em que não há apoio da gestão escolar, da supervisão e, até mesmo de outros professores, que por vezes não se envolvem em conflitos de outras salas de aula. O que acontece fora o espaço da sua sala de aula não é interessante, e partindo para a família, essa vê o professor como um causador de problemas. Aquele que apenas vê defeitos no aluno e, fazendo essas afirmações diante dos mesmos, o que os deixa mais indisciplinados.

Nem sempre a presença da família na escola é a solução para resolver os problemas gerados pela indisciplina. Muitas vezes, os responsáveis, quando deveriam impor limites às crianças, tentam tirar a autoridade do professor diante delas.

Essas situações acabam por aumentar os transtornos vivenciados no cotidiano escolar, que são produzidos por conflitos, na maioria das vezes, originários do ambiente familiar. O aluno traz para sala de aula os valores e atitudes que foram apreendidos até aquele momento. A indisciplina pode ser um reflexo da ausência de condições para uma adequada educação familiar.

É a falta de valores e atitudes comportamentais que produzem o insucesso na condução de um trabalho direcionado para uma prática de formação de sujeitos críticos e participativos.

Quando esses valores não são inseridos no contexto familiar e no espaço pedagógico, proporcionando uma interdisciplinaridade com os conteúdos trabalhados em sala de aula, se tornam um problema que, para ser enfrentado necessita da parceria entre todos os espaços onde a criança está inserida.

Falar de indisciplina é falar do que está solto, descontextualizado, e é nesse olhar de contexto que a mesma deve ser tomada com um fenômeno que envolve a tríade professor, aluno e escola, sendo então necessária ser repensada a relação professor-aluno.

Para isso, deve-se tratar o tema como parte integrante do processo de planejamento pedagógico e como foco do trabalho realizado pelo professor em sala de aula, visto que o comportamento indisciplinado infringe os princípios dos regulamentos internos ou regras básicas estabelecidas pelo ambiente escolar, o que reflete, diretamente, na autoridade do professor.

Segundo Estrela (2002, p.17), esse termo pode ter diferentes significados.

Tem resumido ao longo dos tempos diferentes significados: punição; dar; instrumento de punição; direção moral, regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade, obediência a essa regra. [...] O conceito indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas.

Qualquer ato punitivo de castigo ou que tenha como objetivo corrigir a indisciplina, embasado na violência, seja ela moral ou física, ocasionará outras atitudes indisciplinadas.

O combate a esse ato de desordem presente nas relações sócio afetivas deve se dar a partir da afetividade, do diálogo e da compreensão. A criança percebe as regras e os limites quando esses são colocados como prática constante de socialização e respeito.

2.1 Características da Indisciplina Escolar

Não podemos atribuir a indisciplina apenas a um comportamento agressivo ou defensivo do aluno, diante de uma situação que o provoca conflito ou lança desafio. Há momentos nos quais a criança não demonstra um comportamento indisciplinado e sim está apresentando uma forma de se defender de uma determinada situação, da qual não consegue ser protagonista de boa conduta ou não possui habilidades para dar o retorno esperado, e assim demonstra um comportamento indisciplinado, agressivo.

É necessária uma avaliação detalhada e precisa para entender as características da indisciplina. Ela não é constante, isolada, gerada pelos mesmos fatores ao longo do tempo. Ao

contrário, em cada nova situação, há uma nova maneira de a criança (aluno (a)) demonstrar esse comportamento.

Esses comportamentos podem acontecer de diversas formas. Na maioria das vezes, acontece de forma coletiva. É bastante comum encontrarmos nas escolas grupos de alunos que, juntos, resolvem provocar atos classificados como indisciplinados e que são pensados com um objetivo de atingir alguém ou conquistar algum espaço.

Há outros momentos em que professores se deparam com grupos menores de três ou quatro alunos, que se juntam para atingir outros colegas de turma ou de escola, muitas vezes praticando violência gratuita, desnecessária, por motivos banais. Esses atos de indisciplina são os mais corriqueiros no cotidiano escolar.

Essas situações causam graves problemas à prática pedagógica, pois dificultam a aquisição e transmissão do conhecimento. Em uma aula barulhenta e movimentada, certamente os professores não conseguirão desenvolver um bom trabalho.

Outras características que geram problemas de indisciplina são também os problemas estruturais, como salas superlotadas, espaço físico inadequado, falta de recursos materiais, dentre outros.

Segundo Oliveira (2005, p.21) todos esses aspectos interferem diretamente na aprendizagem, no desenvolvimento educacional do estudante:

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará quase nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo.

A aprendizagem em um ambiente barulhento e agitado fica comprometida. É necessário que o ambiente seja um espaço de harmonia e motivação para que o aluno possa participar com dedicação e nesse espaço a prática pedagógica do professor precisa ser produtiva e para valorizá-la o professor precisa perceber a individualidade de cada aluno, conhecer suas características, dando ênfase às potencialidades de cada estudante, para absorver de cada um, o que há de melhor e mais proveitoso no sentido da aprendizagem.

O clima em sala de aula deve estar em sintonia com a vivência do aluno, com a realidade na qual ele está inserido. Respeitar o contexto do educando, a sua história familiar, suas habilidades e necessidades, favorecerá o trabalho do professor. Quando ele consegue

fazer esse elo entre o conteúdo trabalhado e a realidade do aluno, terá também a parceria da turma e encontrará um caminho para conduzir a aula com autonomia e autoridade.

É fundamental que o professor perceba o agente causador da indisciplina na sua sala de aula. Se a aula não é interessante, se o conteúdo não está em consonância com os anseios dos discentes, logo essa aula é tendenciosa à indisciplina, à falta de controle do professor.

Nesses casos, o confronto não é a melhor solução. O mais indicado será o diálogo, a participação do aluno como sujeito ativo da aula, deixando-o ser colaborador do ambiente e a partir dessa inserção, levá-lo a criar as regras que todos devem seguir.

3 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A indisciplina não é um problema que afeta apenas a aprendizagem. Na sala de aula, as relações também ficam comprometidas quando há comportamentos indisciplinados, sejam as relações entre os alunos, ou as relações entre o professor e o aluno.

Quando o aluno apresenta esse tipo de comportamento, certamente, ele terá mais dificuldade na sua relação com os demais estudantes e, especialmente, com o professor, que é quem lida diretamente com o seu desenvolvimento educacional.

Esses conflitos de relacionamento têm se agravado devido às mudanças no contexto educacional. Com as transformações ocorridas na educação com o passar do tempo, o professor deixa de ser aquele que “manda” e o aluno também deixa de ser aquele que “obedece”. São pessoas com opiniões próprias, com visões diferentes da realidade. Pessoas que têm acesso à informação e todas essas situações dificultam as relações, sobretudo as relações do professor-aluno.

Pois, mesmo com tantas mudanças, com o processo de globalização na qual toda criança tem acesso a uma notícia de um fato acontecido do outro lado do planeta em fração de segundos, a escola não se adequa e não acompanha a velocidade com que a tecnologia chega à vida das crianças.

Elas chegam à escola, cheias de novidades e conhecimentos que trazem da vida cotidiana e se deparam com escolas mal equipadas, quadros negros, livros didáticos desinteressantes, professores ditando textos para elas escreverem, quando na realidade elas produzem seus próprios textos nas conversas diárias, através de redes sociais, através da internet, dos celulares...

Dessa forma, Aquino (1996) discute que a escola passa a receber sujeitos não homogêneos, provindos de diferentes classes sociais, com diferentes histórias de vida e com uma “bagagem” que muitas vezes é negada pela escola, e que a mesma não tem interesse para essa criança.

O professor, que na maioria das vezes já está cansado, com sobrecarga de trabalho, não teve o tempo necessário e nem os recursos adequados para planejar uma aula interessante e estimulante, o que torna a escola ainda mais monótona e o aluno sem motivação para participar e desenvolver suas potencialidades, despertando assim o comportamento indisciplinado, comprometendo a relação professor-aluno.

Essas relações podem gerar conflitos que, por vezes, interferem negativamente na vida do estudante. Há comportamentos que podem interferir na aprendizagem. Muitas vezes o

aluno apresenta um tipo de comportamento para um professor que é indisciplina, enquanto para outro pode não ser.

Parrat-Dayan (2008, p. 19) também afirma que o significado do que é disciplina ou indisciplina pode ser diferenciado dependendo do professor:

[...] para um professor, indisciplina é não ter o caderno organizado; para outro, uma turma será caracterizada como indisciplinada se não fizer silêncio absoluto e, já para um terceiro, a indisciplina até poderá ser vista de maneira positiva, considerada sinal de criatividade e de construção de conhecimento.

Esses conceitos são vistos de maneiras diferentes. Tudo depende de como se apresenta cada situação vivida, cada momento. Um comportamento pode ser visto como indisciplinado por um determinado professor, enquanto outro poderá aproveitar a situação para inserir aquele aluno no contexto e fazê-lo participar da aula, fazendo-o perceber a sua importância para aquele ambiente.

3.1 A formação do professor

Um dentre os diversos fatores que comprometem as relações em sala de aula é a formação do professor. Muitos professores estão em sala de aula há bastante tempo e esses tiveram uma formação tradicional, voltada para uma sala de aula na qual o professor utilizava o autoritarismo para conseguir manter uma turma bem comportada.

Essa formação, que tinha como embasamento o castigo para punir o aluno mal comportado, ainda reflete no cotidiano escolar, interferindo diretamente no relacionamento do professor com aluno. Em dias em que alunos são independentes, que sabem de todas as notícias, imediatamente o professor não pode ter a visão de que pode manter alguém na base do “castigo”, ou na base do autoritarismo.

Ele precisa ser autoridade, em sala de aula, sem que necessite utilizar do autoritarismo. O processo educacional de hoje se dá através do diálogo e não da ditadura. Se o professor não busca esse entendimento, ele não terá êxito na sua prática.

Quando o professor não utiliza o diálogo, a reflexão como embasamento para seu trabalho pedagógico, não terá o desempenho esperado na aprendizagem do aluno, pois para Libâneo (1994, p. 54)

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica.

O conhecimento que o aluno tem da sua realidade pode ser fator indispensável no processo de ensino e aprendizagem, esse conhecimento pode ser trabalhado em sala de aula como fator de motivação para a conscientização do aluno. É importante que o aluno consiga assimilar o conhecimento através de uma prática voltada para uma formação cidadã. Quando o professor não teve sua formação direcionada para esses paradigmas, se não for cauteloso, será tendencioso ao transferir para o aluno as orientações adquiridas na sua formação.

Há necessidade de formação constante para que o professor esteja preparado para lidar com essas situações, pois a sociedade muda diariamente. A cada instante há um novo acontecimento, há uma nova realidade a ser vivida e a escola e o professor não estão fora dela, integram o sistema no qual estão inseridos.

Para Aquino (1996, p.36)

À medida que a sociedade se democratiza e os instrumentos autoritários colocados por ela a serviço da escola vão sendo eliminados, a relação obediência transparece, porque as relações de fato não estão baseadas no respeito e os sujeitos não se sentem mais obrigados a cumprir regras.

Os alunos precisam ser respeitados e tratados como sujeitos capazes de transformar a sociedade, são sujeitos de mudanças, de intervenções. O professor precisa buscar, constantemente, formação voltada para acompanhar as transformações que cercam a sociedade.

4 O PAPEL DA FAMÍLIA NO COMPORTAMENTO DO ALUNO

A família tem um papel fundamental no que se refere aos comportamentos apresentados pelos alunos. Atualmente, a sociedade apresenta características bastante diferenciadas dos padrões de comportamentos adequados às boas condutas de disciplina.

Os pais perderam o controle dos filhos e transferem a responsabilidade de educar para a escola, quando na realidade a mesma tem o objetivo de instruir, deixando os professores com uma sobrecarga de trabalho que interfere na realização de uma prática pedagógica direcionada a uma formação para os objetivos, nos quais a escola se propõe.

Quando a família abdica de sua responsabilidade e atribui a mesma a escola, ela está tirando a referência que a criança tem, pois é no âmbito familiar que ela encontra, ou deveria encontrar, os maiores exemplos a serem seguidos.

A família proporciona sentimentos indispensáveis na formação dos hábitos e atitudes que a criança pode desenvolver. Para Sutter (2007, p.2), “A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios”.

Os conhecimentos transmitidos pelos professores são importantes, mas a família é indispensável nesse processo de formação, pois é a partir da orientação familiar que a criança adquire os limites necessários para conviver em sociedade. Esse processo é de suma importância para que a criança desenvolva habilidades disciplinadas. Segundo Bock (2004, p. 249).

A família, do ponto de vista do indivíduo e da cultura, é um grupo tão importante que, na sua ausência, dizemos que a criança ou adolescente precisa de uma “família substituta” ou devem ser abrigados em uma instituição que cumpra suas funções materna e paterna, isto é, as funções de cuidados para a posterior participação na coletividade.

É salutar a importância que a família tem no desenvolvimento de uma criança e para que possa ter um comportamento equilibrado. Quando a família não está estruturada, vivenciando conflitos e discordâncias, os reflexos desses desequilíbrios são transmitidos às crianças, ocasionando o comportamento indisciplinado, que muitos levam para a sala de aula, o que interfere diretamente no seu desenvolvimento e, conseqüentemente, na aprendizagem de todos que fazem parte da turma.

Esses fatores de indisciplina, quando não são tratados de maneira cautelosa e com o apoio de especialistas e, especialmente da família, podem causar outro problema de maior proporção para a vida do educando: a exclusão.

Para Cordeiro (2013, p.118), para lidar com essas situações é necessária uma visão voltada para a realidade da sociedade vigente:

É descabido, nos dias de hoje, lidar com essas questões com base nesse tipo de proposta, que se inclinou durante muitos anos e impedir o acesso ou a retirar da escola aqueles indivíduos que eram caracterizados como “alunos indisciplinados”. O exame mais atento das características atribuídas a essa categoria idealizada de pessoas pode nos levar a concluir que esse aluno indisciplinado, em muitos casos, talvez ostente algumas qualidades pessoais com que um tipo de escola sem compromisso com a democracia não conseguia lidar: atividade, iniciativa, coragem, ousadia, disposição para o debate e o confronto foram muitas vezes traduzidos por mau comportamento, incapacidade de seguir regras e tendências violentas.

Nessa exclusão a escola pode estar perdendo a oportunidade de desenvolver as habilidades que, na maioria das vezes, ficam “escondidas”, por trás de comportamentos “mal interpretados”.

Nesse sentido, a escola precisa ter como suporte o embasamento familiar para, juntos, contextualizar as discussões acerca do tema e tratar com cautela e responsabilidade, visto que a disciplina é um processo que deveria vir antes do processo educativo.

Não é essa a regra presente nas escolas, na vida dos alunos. Na sociedade atual não sabemos quem educa tampouco quem instrui, o que ainda leva alguns profissionais envolvidos no processo educacional a não conseguir fazer tal distinção, tornando seu trabalho mais difícil.

Ainda segundo Cordeiro (2013, p.120) não é tarefa fácil fazer essa distinção, pois quem instrui também educa:

Ora, em primeiro lugar essa separação é impossível de realizar: quem instrui também educa, mesmo que pense que não. Em segundo lugar, ela é indesejável porque só pode trazer perdas para o trabalho da educação escolarizada: se essa separação fosse possível, haveria o risco de reservar para a escola um papel muito reduzido que poderia ser, em alguma medida, substituído com alguma facilidade pelas tecnologias da informação, que cada vez mais põem as informações e as técnicas à disposição das pessoas no mundo de hoje.

São questões que ainda precisam de um debate muito profundo para não serem interpretadas, apenas, como um simples mau comportamento. A escola e os profissionais envolvidos no processo educacional necessitam estar preparados para lidar com essas situações tão corriqueiras nas salas de aulas.

Mandar o aluno para casa ou puni-lo com suspensão não resolve a situação conflituosa na qual o aluno se envolveu. É fundamental a participação da família, através do diálogo, da oportunidade e, principalmente, de conhecer as especificidades de cada aluno.

5 CIDADANIA

A indisciplina é um processo que está diretamente ligado à cidadania pois para exercer a cidadania é indispensável entender e respeitar regras e orientações, que são criadas nos ambientes nos quais a criança está inserida.

Para se tornar uma cidadã e respeitar o espaço do outro, cumprir com os deveres e cobrar os seus direitos, ela necessita estar envolvida em um processo de formação orientado para a conscientização, para a crítica e, sobretudo, para os valores condizentes de práticas disciplinadas.

A escola é um espaço de grande importância nesse processo de formação de cidadania e disciplina. Quando a criança é inserida em um contexto motivador, acolhedor, que lhe dá oportunidades de participar, ativamente, da sociedade educacional como sujeito ativo desse ambiente, ele poderá desenvolver habilidades propícias a um comportamento disciplinado, voltado para cidadania.

Para Nogueira (2000, p. 5), a cidadania precisa estar direcionada para as oportunidades.

A educação para a cidadania requer muito mais do que a simples criação de oportunidades de participação dos alunos em alguns eventos proporcionados pela escola, porém este pode ser um começo. Pode ser um ponto de partida para um envolvimento maior com o espaço público e uma possível identificação com o mesmo. Para que haja uma educação de cidadãos, é preciso que acima de tudo os indivíduos, vistos como iguais, tenham a oportunidade de dialogar, expor seus anseios, necessidades e opiniões para que a escola passe a ser vista como local de troca, de relacionamento interativo, e não de imposições e regras, que muitas vezes não condizem com sua realidade. (NOGUEIRA, 2000, p. 5).

É preciso que o aluno conheça as regras e que saiba lidar com elas, entendendo que dentro do espaço escolar todos têm direitos e deveres, que precisam e devem ser respeitados. Inserir o aluno nas atividades escolares e valorizar seus anseios e necessidades é uma forma de proporcionar oportunidades e estas são importantes, mas não são apenas elas que farão com que um indivíduo entenda e respeite as regras de civilidade necessárias à convivência social. Para aproveitar as oportunidades o cidadão precisa estar preparado com o conhecimento inerente ao processo de cidadania.

Não é tarefa fácil o processo de educação voltado para a cidadania. Muitas vezes, o significado do tema é desconhecido pelos profissionais que estão envolvidos nesse processo. Para Ferreira (1993) existe uma grande dificuldade em conceituar cidadania. Em

alguns momentos cidadania é tratada como “nacionalidade”, em outros traz para si juízos de valor, aparecendo associada ao aspecto positivo da vida social do homem em contraste com a negatividade da não-cidadania, a marginalidade.

Para exercê-la é preciso ter consciência dos direitos e deveres que o cercam. Não basta apenas reivindicar a cidadania, se não vivenciar o processo. Saber respeitar e cumprir as regras é fator indispensável ao exercício da cidadania.

5.1 A cidadania no ambiente escolar

Trabalhar o conceito de cidadania não significa que a criança (aluno) irá praticar uma conduta cidadã. É preciso que a escola tenha uma proposta educativa direcionada para a cidadania e para a formação de cidadãos.

O Projeto Político Pedagógico da escola precisa ter como objetivo principal a formação do senso crítico em seus alunos. Para Gadotti (1994), todos os temas a serem trabalhados em sala de aula precisam estar no Projeto Político Pedagógico, pois toda mudança precisa planejamento.

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores. (GADOTTI, 1994, p. 579).

O tema não pode ser trabalhado apenas como conteúdo da grade curricular de alguns componentes específicos. É necessária a contextualização do tema entre todas as disciplinas. Nessa situação, a interdisciplinaridade é fundamental para que a proposta seja entendida e partilhada por todos. A construção precisa ser coletiva. O aluno deve ser cidadão participante do processo para que entenda e emita sua opinião.

A cidadania precisa estar presente na sala de aula como regra básica no cotidiano escolar. Em todos os projetos escolares, nos planos de aula dos professores, nos manuais e orientações para que os valores sejam respeitados e partilhados entre os envolvidos no processo educativo.

Não se concebe uma escola que não tenha como foco principal dos seus objetivos uma formação direcionada para o bem comum, para a paz e para a prática de exercícios

cidadãos. A escola é um espaço de ideias, de valores, de construção de sentidos para a vida. Ela precisa deixar de ser apenas muros, paredes e quadro com transmissão de conteúdos de livros didáticos, e passar a transmitir conhecimento, valores, formação cidadã, crítica e conscientizadora.

Segundo Machado (1997) a formação cidadã se dá no sentido de envolver o aluno na elaboração de regras e normas sejam partilhadas por todos, inclusive, por ele próprio.

Nada parece mais característico à ideia de cidadania do que a construção de instrumentos legítimos de articulação entre projetos individuais e coletivos [...] Neste sentido, educar para a cidadania significa prover os indivíduos de instrumentos para a plena realização desta participação motivada e competente, desta simbiose entre interesses pessoais e sociais [...] e também a negociação de uma compreensão adequada dos valores acordados, sem o que as mais legítimas bandeiras podem reduzir-se a meros slogans e o remédio pode transformar-se em veneno. (MACHADO, 1997, p. 106-108).

O aluno precisa participar ativamente da construção do projeto de cidadania que envolve a escola. Como colaborador terá maior possibilidade de seguir as metas projetadas e de se tornar um parceiro, no sentido de envolver os demais no cumprimento das regras elaboradas.

É necessário que a escola busque no aluno uma possibilidade de parceria na construção dos projetos, pois quando os mesmos não estão inseridos diretamente na elaboração, tendem a se tornar meros documentos sem significados e a serem “engavetados”, servindo apenas de material de consulta para possíveis fiscalizações ou “prestação de contas” às instâncias superiores.

5.2 A interação como forma de desenvolver a cidadania

Para construir o Projeto Político Pedagógico é necessário que todos os envolvidos no processo educacional participem, emitam opinião, discorram sobre os objetivos, formulem a filosofia da escola e criem as regras e todos os critérios que serão trabalhados naquele espaço educacional por um determinado período.

Da mesma forma, deve se dar o trabalho do professor em sala de aula para a formação de alunos críticos e conscientes, capazes de formular opiniões e participar diretamente da construção do espaço no qual estão inseridos.

Nesse trabalho, o professor precisa direcionar sua prática para uma proposta interacionista, na qual os alunos interfiram no processo de aprendizagem. Precisa de

planejamento para que todos os alunos interajam com as atividades de sala de aula, partilhando os saberes e concretizando as relações de harmonia. Nesse sentido, há a possibilidade daqueles que apresentam mais habilidades serem mediadores do conhecimento, contribuindo para o crescimento dos demais.

O diálogo é pressuposto indispensável nesse contexto de formação interativa. Estimular a participação do aluno nos debates é fundamental para que o mesmo possa interferir na construção.

Para Libâneo (1994, p. 250) o professor deve criar situações de diálogo para que o aluno participe:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

O professor precisa ter o cuidado para, nesse processo, não perder a autoridade que lhe é inerente e essa autoridade não pode ser confundida com autoritarismo, a qual parte dos professores está propícia a seguir em sua rotina de trabalho.

Manter uma relação de civilidade e respeito é fator indispensável para o bom caminhar das atividades e para que os alunos cumpram as regras, quando são criadas em consenso, na coletividade. Esses critérios proporcionam ao professor a autoridade que lhe cabe e favorecem o crescimento do aluno, enquanto cidadão participante da comunidade escolar.

Para Vasconcellos (2004) trabalhar as questões relacionadas à disciplina é um desafio, que ainda requer muito esforço por parte do professor para a superação.

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro. (VASCONCELLOS, 2004, p. 248).

A autoridade do professor precisa estar em sala, sem que seja confundida com autoritarismo. Ele precisa controlar a ansiedade da turma e dele próprio para que tenha a eficácia necessária na realização da sua prática pedagógica. É controlando a ansiedade da

turma que o professor terá a eficácia necessária para realizar a sua prática pedagógica. Na maioria das vezes é essa ansiedade que gera os conflitos responsáveis pelo comportamento indisciplinado de alguns alunos. Muitos não têm interesse pelos conteúdos trabalhados em sala de aula, ou não os associam a sua vida cotidiana, deixando-os sem sentido, sem a importância devida, buscando outras possibilidades de movimentação do ambiente escolar.

Essas possibilidades, quando não são trabalhadas de acordo com o planejamento do professor, ficam sem contexto e a sala de aula deixa de ser um espaço de formação e socialização para ser um espaço de brigas e discussões entre alunos, que na maioria dos casos, têm como consequências a evasão escolar, a repetência, a destruição do espaço público ou privado, espaço esse que deveria ser por eles mesmos preservados, mas por atos inconsequentes e atitudes muitas vezes descontextualizadas, pela falta de orientação e planejamento tornam a aula desinteressante e desmotivadora.

6 O TRABALHO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NA ESCOLA ESTADUAL JOÃO ÚRSULO NO COMBATE A INDISCIPLINA

Durante a realização deste trabalho utilizamos, além da pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico, também uma entrevista com professores da Escola, com base no tema em estudo para analisar as situações que interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

Os questionários para a entrevista foram planejados com o objetivo de identificar os desafios que os profissionais que trabalham na Escola Estadual João Úrsulo enfrentam para realizar suas atividades pedagógicas, promovendo a conscientização dos alunos e a interação dos pais no processo de aprendizagem dos mesmos. Os questionários foram aplicados com quatro professores do 6º ano, de áreas distintas de ensino. Contudo, somente três apresentaram resultados passíveis de análise.

A Escola Estadual João Úrsulo, localizada na área urbana, no centro da cidade de Santa Rita (PB), tem em seu quadro uma equipe de funcionários que planeja atividades direcionadas para a formação humanizadora do aluno, direcionando-o a uma perspectiva de crescimento social.

O trabalho é pensado para harmonizar o ambiente escolar e proporcionar a interação do mesmo com o aluno e a família. Nesta perspectiva, a equipe busca integrar os pais ao espaço educacional, levando-os a participar ativamente da formação dos filhos e, juntamente com a equipe pedagógica, elaborar estratégias que dinamizem o trabalho em sala de aula e favoreça a família nesse processo de produção do conhecimento e socialização dos saberes.

Os professores buscam articular sua prática pedagógica ao cotidiano do aluno para que o mesmo participe de forma contextualizada do processo de ensino e aprendizagem. Assim, um dos questionamentos levantados foi sobre o que os professores entendiam como indisciplina escolar, obtendo-se as seguintes respostas:

Professor A – É quando na escola existem alunos que não respeitam as regras e normas estabelecidas pelo regimento escolar.

Professor B – É a decorrência da falta de valores de nosso tempo.

Professor C – É a falta de atenção, pois a criança precisa de atenção e carinho, sendo assim trato meus alunos com atenção e respeito e pedindo que eles me respeitem.

Após questionar sobre o que seria indisciplina na visão desses professores, que lidam diretamente com os alunos em sala de aula, buscamos direcionar os nossos questionamentos e levar as nossas discussões para tentar entender as possíveis causas da Indisciplina no cotidiano escolar.

Seguindo esse pressuposto, direcionamos nossos questionamentos para os motivos da indisciplina escolar, o que foi respondido dessa forma:

Professor A – Acredito que um dos motivos seja a falta de limites que os alunos não têm em casa, acarretando assim em desobediência e em falta de respeito. Quando acontece em sala de aula é decorrente, muitas vezes, da falta de controle dos professores ou de atividades que não prendem a atenção dos mesmos.

Professor B – Às vezes, até a falta de um diálogo com os alunos problemas, acontece o motivo da Indisciplina.

Professor C – Somos todos diferentes, com metodologias diferentes, na minha visão, a atenção e o respeito mudam qualquer personalidade, portanto, a falta de respeito gera a Indisciplina.

Entender os motivos que levam os alunos a se tornarem indisciplinados facilita o trabalho de planejamento e desenvolvimento de metodologias do professor. Nesse processo, a busca da interação entre família e escola é fundamental para que se obtenha êxito para tais atividades.

Diante dessas questões, o professor precisa encontrar estratégias que tornem a sua prática momentos de criação e produção para que o aluno se sinta acolhido e tenha suas expectativas acolhidas nesse ambiente de aprendizagem, que é a sala de aula.

Partindo desse entendimento, questionamos os professores acerca de como encaram a indisciplina escolar, a partir dos quais obtemos os seguintes dados:

Professor A – Entendo que tudo e todos têm solução, assim são nossos alunos rebeldes, agressivos, indisciplinados, mas se tratarmos com carinho e atenção e, acima de tudo, e respeito, ao invés de formamos cidadãos áspero, teremos pessoas educadas, respeitadoras...

Professor B – O desinteresse do aluno pesa muito, mas também ressalto que aulas sem criatividade, que não despertam o interesse do aluno o leva a “preguiça” e a desmotivação de não fazer as atividades e acompanhar os conteúdos.

Professor C – Muitas vezes a falta de atenção do professor leva a esse comportamento indisciplinado do aluno em sala de aula.

São muitas questões que podem provocar o comportamento indisciplinado do aluno. Porém, todas as questões relatadas têm influência e interferência no processo de

aprendizagem. O professor é um agente de transformação, mas sem apoio e colaboração de vários segmentos, o seu trabalho não terá a eficácia que o processo educacional necessita.

É preciso que se voltem as atenções e direcionem ações para que o trabalho do professor seja prioridade. A escola não pode ser considerada apenas como um espaço de ocupação de tempo, no qual os pais deixam seus filhos para terem algumas horas de liberdade.

Há necessidade de se entender a Escola como espaço de construção do conhecimento e de formação de cidadãos. Nele o trabalho precisa ter foco e planejamento com critérios que atendam as peculiaridades dos alunos e as necessidades dos mesmos. Escola é espaço de integração e, sobretudo, interação.

O aluno precisa interagir e participar do ambiente educacional para que ele se sinta ativo e participante do contexto no qual está inserido. Pensando nessas inquietações indagamos os professores sobre como desenvolvem o trabalho com a presença de alunos indisciplinados na sala de aula. As respostas foram as seguintes:

Professor A – Quando a família apoia a criança, ela amadurece, se sente mais segura. Isso nos faz caminhar juntos. O professor não faz nada sozinho e a família também não. Devemos ouvir a família para que possamos entender a falta de disciplina na escola e planejar a melhor maneira para desenvolver o nosso trabalho.

Professor B – Conquistando o aluno através do diálogo, tornando-se amigo. Conhecer o aluno para entender quais motivos os leva a este comportamento. Também trabalhar com aulas ilustradas e criativas e atividades em toda a escola que despertem o desejo de participar das atividades desenvolvidas em sala de aula e pela escola.

Professor C – Utilizo o respeito sempre, especialmente, às regras. Procuro saber como é o seu meio familiar, seu convívio, sua história de vida e conversa com ele, dependendo de sua idade, mostrar a realidade de vida, dar atenção especial e trazê-lo para o meio social.

Há sempre questionamentos relacionados à família e a sua presença no ambiente educacional. Ela é bastante importante quando se trata das questões relacionadas à disciplina.

A presença da família na escola proporciona a integração dessas instituições no sentido de aprimorar o crescimento social do aluno, pois os pais são reflexos para as atitudes dos filhos. Segundo Charlot (2001, p. 15),

“A imagem da criança é, portanto, a imagem elaborada por um adulto e por uma sociedade que se projetam na criança, de uma criança que procura se identificar com o modelo criado por essa projeção. Compreende-se bem, portanto, que essa imagem evolua historicamente.”

Uma maneira de se entender esse pressuposto é partindo das questões de autoridade que o adulto exerce sobre a criança. Quando essa autoridade vem com violência ou punição vai provocar um conflito gerando a rebeldia, e a criança passará a ser um aluno indisciplinado, refletindo esse comportamento em sala de aula.

Para desenvolver um trabalho que contribua para o crescimento do aluno e amenize as situações conflituosas em sala de aula, o professor deve estar em constante espaço de formação, buscando novos métodos para desenvolver suas atividades.

De acordo com Cordeiro (2013), o esclarecimento das regras e aulas bem planejadas auxilia no trabalho do professor para tratar das questões com a Indisciplina.

A liderança e a autoridade do professor tenderão a ser mais facilmente confirmados pelos alunos se ele adotar procedimentos claros em relação às regras e tratar a todos com equanimidade – o princípio de que as normas, uma vez reconhecidas como legítimas e adotadas pelo grupo, devem valer para todos, inclusive para o próprio docente. Do ponto de vista dos procedimentos didáticos, das maneiras de ensinar, é importante que a aula seja bem estruturada, e que os alunos saibam previamente o que se vai fazer naquele dia e o que se espera que eles consigam com aquela atividade. (CORDEIRO, 2013, p. 139).

A informação das ações planejadas para a aula devem ser passadas para o aluno para que o mesmo possa participar do processo e entender os limites pré-estabelecidos. Dessa forma, o professor poderá conduzir seu trabalho pedagógico seguindo as premissas inerentes ao processo educacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que a escola é um espaço de formação e transformação em se tratando de comportamento indisciplinado, vivenciamos situações bastante conflituosas para o trabalho do professor.

Essas situações deixam o objetivo da escola fora da evidência que deveria ter, pois são momentos vividos no cotidiano escolar que produzem transtornos e colocam inquietações nas atitudes dos profissionais que lidam diretamente com esses problemas, que já são inerentes ao processo de ensino e aprendizagem.

A educação tem características e necessidades próprias para cada aluno em seu espaço cultural, sem abrir mão de sua pluralidade como fonte de conhecimento em diversas áreas.

Esses conflitos vividos, por exemplo, podem e devem ser utilizados pelos educadores, pois através da problematização, da inquietação indagadora, da busca por melhores condições, estimulam o desejo de conhecer, o desejo de buscar, enfim, o desejo de superar os desafios e conquistar o espaço desejado para a conscientização dos estudantes.

Essa busca por interação se dá através de uma luta conjunta em que educadores e educação manterão vivo o sonho dos educandos de um mundo mais justo e humanitário, em que os estudantes têm sua realidade encarada como alicerce para um mundo possível.

Busca-se o direito que os estudantes têm de participar ativamente da sociedade em que estão inseridos e transformar as ações que desmotivam suas existências como ser humanos. É um processo desafiador e repleto de obstáculos, mas com determinação os professores que participam desse processo conquistarão o espaço necessário para desenvolver sua prática com as habilidades e competências inerentes a um profissional justo e eficaz.

Percebendo a escola como um espaço de constante aprendizado e conscientização, é indispensável inserir a comunidade escolar e toda a sua prática na busca de atitudes que estimulem o desenvolvimento social e pessoal dos educandos, para que o estudante alcance tal consciência. Para isso, o ensino deve ser objetivo e, fundamentalmente significativo, voltado para a vivência do estudante.

O objetivo desta prática deve ser sempre o de mobilizar os estudantes para a construção de conhecimentos socializados e politizados para que eles possam contribuir na reflexão político-pedagógica partindo das práticas já existentes.

O desenvolvimento dos projetos escolares, por parte das Instituições de Ensino, deve proporcionar a inclusão com a finalidade de formar cidadãos ativos e participativos para desmistificar a ideia que o aluno não pode transformar suas atitudes e comportamentos indisciplinados em construção de novos conhecimentos, que possibilitam sua participação ativa na vida escola.

É de suma importância que se estabeleça a articulação entre a comunidade escolar, a comunidade local e as instituições que promovem os debates para a interação entre família e escola, pois uma não caminha sem o apoio da outra. Com a participação coletiva é que se pode alcançar o objetivo da educação que é promover o homem dentro de seu contexto social e político.

Os resultados da pesquisa indicam que a Escola Estadual João Úrsulo tem uma proposta democrática e participante, tem uma administração que busca resgatar os valores humanos, acreditando na capacidade de superação dos alunos, desenvolvendo suas potencialidades de maneira peculiar.

Dessa forma, constatamos que as ações pertinentes à equipe pedagógica são realizadas buscando despertar o interesse do aluno a participar do processo educacional, colaborando coletivamente das ações promovidas com o objetivo de intensificar o seu desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G (org.). **A desordem na relação professor-aluno**: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Confrontos na sala de aula**: uma leitura institucional da relação professor-aluno. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

BOCK, Ana Maria (Org.). **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2004.

CHARLOT, B. **A noção de relação com o saber**: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: Os jovens e o saber; perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ESTRELA, M. T. **Relação Pedagógica, disciplinar e Indisciplinar na Aula** 4. ed. Porto, 2002.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania**: uma questão para a educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GADOTTI, Moacir. **"Pressupostos do projeto pedagógico"**. In: MEC. Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos. Brasília, 1994.

GARCIA, José. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Paraná Desenvolvimento**, 1999, 101-108

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO. Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, N. J. **Cidadania e Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

MASERA, Elizabeth dos Santos; MORAES, José Carlos de Moraes. **Conselhos Tutelares, impasses e desafios**: A experiência de Porto Alegre. Porto Alegre: Dom Quixote, 2006.

NOGUEIRA, I. **A violência nas escolas e o desafio da educação para a cidadania**. Trabalho apresentado na 23ª. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2000.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

SUTTER, Graziela, **Refletindo sobre a relação família**. Escola: 2007.

VASCONCELLOS, Celso Santos. **(In) Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

APÊNDICE – Questionário aplicado aos professores

1. O que você entende como sendo Indisciplina Escolar?
2. Qual seria o principal motivo da Indisciplina Escolar?
3. Como você encara a Indisciplina Escolar?
4. Como você desenvolve seu trabalho com alunos indisciplinados na sala de aula?